INDÚSTRIA DA INVASÃO

Círculo vicioso agrava o problema habitacional da população de baixa renda. Invasões são estimuladas por líderes comunitários ligados a deputados distritais. Depois, o governo dá lotes aos invasores, que retribuem na forma de votos

Estímulo eleitoral

Há quase 80 mil pessoas carentes em favelas espalhadas pelo Distrito Federal. O que antes se restringia ao social, a necessidade de morar, passou a ter implicações políticas e eleitoreiras. Líderes comunitários e deputados se sustentam na troca da terra pelo voto. "É uma herança do século passado. Nas antigas fazendas, os donos costumavam arrendar terras para casais pobres. E isso se revertia em favores políticos", avalia o historiador Paulo Bertran, autor do livro *História da Terra e do Homem no Planalto Central.*

"Hoje, aquele coronelismo se transformou em populismo, evidenciado na doação de lotes", completa. O migrante que chega ao DF absorve a idéia de que invadir é o primeiro passo para ganhar um lote. Esse pensamento incentivou a chegada de mais e mais pessoas, que passaram a reivindicar um chão para viver.

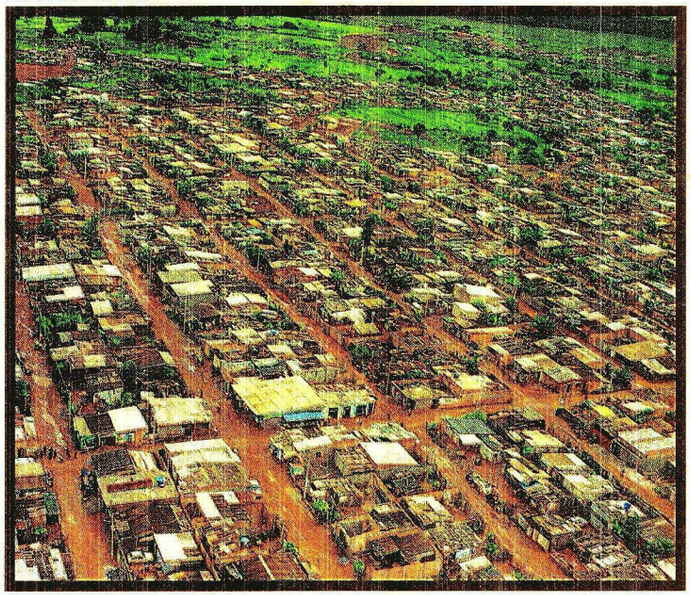
"O direito de ir e vir é muito bonito. Mas no Distrito Federal só existe o vir. A doação de lotes é um estímulo à migração", considera Ernesto Silva, do Conselho Técnico de Preservação de Brasília. **(R.A. e T.R.)**

POLÍTICA DE VOTOS

A política de doação de lotes foi iniciada nos anos 90 pelo governador Joaquim Roriz. Pelo menos 100 mil terrenos foram distribuídos nessa década. Hoje, as favelas movimentam interesses políticos. Um invasor é um potencial eleitor. Esta relação já rendeu bons resultados nas urnas para muitos políticos do DF. Por isso, os invasores são tratados à base de afagos e promessas.

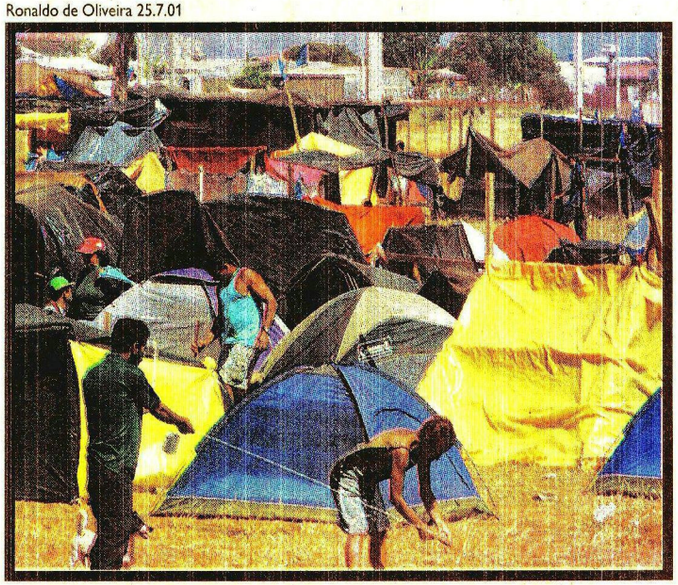
Quem nunca ocupou cargo público, mas alimenta esse desejo, segue o exemplo de políticos que galgaram mandatos usando como pano de fundo a bandeira da moradia. Nas invasões não podem faltar barracos e palanques improvisados. Logo que um novo adensamento irregular se forma, os líderes da ocupação tratam de agendar a vinda de deputados distritais e do próprio governador Joaquim Roriz para falar com os acampados. Os discursos alimentam esperanças, nos invasores, de fixação na terra invadida.

Adauto Cruz 16.12.00



INVASÃO DA ESTRUTURAL: FAVELA AO LADO DO PARQUE NACIONAL

Ronaldo de Oliveira 25.7.01



INVASÃO EM CEILÂNDIA, EM JULHO: LÍDERES COMUNITÁRIOS À FRENTE

LÍDERES

As invasões não são espontâneas. Atualmente, há sempre um líder por trás dos movimentos de ocupação, que não são apenas reivindicatórios. Se tornaram também uma forma de assegurar votos.

A má fé aparece nos projetos de lei e nos discursos de políticos, que seguram o mandato visitando invasões e iludindo famílias. O deputado José Edmar (PMDB), cuja atuação começou no movimento de inquilinos de Taguatinga, é um exemplo. Ele é o principal incentivador da invasão da Estrutural.

Edmar faz escola. Pedro Barbudo, o líder das invasões no Paranoá, é assessor parlamentar dele na Câmara Legislativa. Recebe salário para desempenhar esse papel. Há dez dias, ele foi preso por policiais federais, acusado de crime ambiental e invasão de terras.

DISCURSO DÚBIO

Virou moda nos últimos três anos. O discurso do governador Joaquim Roriz sobre o assunto é dúbio. Ao mesmo tempo em que promete acabar com as invasões, o governador dá esperanças aos ocupantes irregulares.

No começo do governo, ele visitava as invasões e, ao discursar, prometia dar lotes a todos que preenchessem as exigências da política habitacional. Pedia a cooperação dos invasores e ordenava a distribuição de senhas. Filas eram organizadas e funcionários do GDF anotavam os nomes das famílias.

A estratégia funcionou no primeiro ano, mas logo os líderes dos movimentos alertaram os invasores para o fato de que ter o nome anotado não era garantia de lote. Eles desistiram de esperar e barracos voltaram a ser montados da noite para o dia. A doação de lotes para famílias que estavam em invasões recentes também serviu de exemplo para novas explosões urbanas.